

# Ordena-se um sacerdote japonês

Entrevista a Shohei Kimura, japonês, um dos 26 diáconos que foi ordenado sacerdote no dia 31 de Maio.

02/06/2003

Shohei é japonês, filho primogénito dos Kimura. O seu nome completo significa “homem tranquilo que vivia numa aldeia com floresta”. A mãe converteu-se à fé católica quando ele tinha oito anos e quatro anos mais tarde converteu-se também ele. À sua ordenação vêm do Japão o pai e

um grupo da paróquia “Ibaraki”, com o pai Inoue à cabeça. “Emocionei-me ao saber que vêm à minha ordenação paroquianos de Ibaraki, uma zona do Japão onde, devido às perseguições, tem havido muitos católicos clandestinos entre os séculos XVI-XIX”, conta Shohei. “Talvez não seja exagerado dizer que a minha vocação a devo também a eles”.

### **Poderia comentar algum facto decisivo no caminho da sua vocação?**

Baptizei-me aos 12 anos. Este facto devo-o a muitas pessoas. Destacaria em primeiro lugar os meus pais. A minha mãe, que se converteu 4 anos antes graças a uma amiga, rezava o terço com frequência e lembro-me que tinha muita devoção a Nossa Senhora de Guadalupe, não sei porquê, mas recordo que lhe tinha muitíssima devoção. Foi ela quem me

apresentou a um sacerdote que me começou a ensinar o catecismo.

Também quero evidenciar a importância do meu pai porque é um homem que ama a liberdade. Embora seja ateu e não gostasse que eu me tivesse convertido, defendeu sempre a minha liberdade contra alguns familiares que viam a conversão da minha mãe e a minha como uma traição. A minha conversão era um facto ainda mais grave por eu ser o primogénito. Contudo, o meu pai sempre me defendeu. Quando comecei a receber as primeiras aulas do catecismo, dizia aos que me atiravam à cara a minha traição: “deixai-o, se o rapaz se quer converter, converter-se-á”. Este amor à liberdade do meu pai considero-o importantíssimo.

**Que recordação tem dos anos de catequese?**

Impressionou-me que o pároco, o padre Gustaf Banbael, de Scheut (Congr. do Coração Imaculado de Maria), viesse todos os sábados ensinar-me o catecismo. Quando ele não podia vir, vinham umas freiras que eu tinha visto algumas vezes na paróquia. Para além das distâncias do Japão, a paróquia ficava longe da minha casa. Por isso impressiona-me recordar a constância com que durante quase 3 anos me ensinaram o catecismo. Estar-lhes-ei sempre muito agradecido.

Quando fiz 13 anos, a minha família mudou-se para outro bairro de Osaka. Nessa paróquia conheci o padre Josef Heriban. Era um sacerdote salesiano tranquilo, carinhoso, que transmitia muita paz. Recordo perfeitamente este sacerdote belga porque foi uma grande ajuda para mim. Um dia ofereceu-me um livro que me atraiu muitíssimo, até ao ponto de ver clara

a minha vocação profissional: ser professor. Era uma biografia de São João Bosco, que me fez desejar ter vida de piedade e sobretudo dedicar a minha vida ao ensino. Entretanto fui para a universidade, onde estudei filologia inglesa. Ali um amigo proporcionou-me conhecer o Opus Dei, e vi que ser da Obra era o que Deus me pedia.

## **O que é que valoriza mais desses anos?**

O exemplo da santidade de muitos sacerdotes que no Japão trabalham numas circunstâncias objectivamente muito difíceis: O padre Banbael não era uma excepção. Conheci mais sacerdotes como ele. De todos eles posso dizer que nunca me senti coagido para dar algum passo, pelo contrário o que me sentia era atraído. Por isso eu diria que eram santos: eram um exemplo

maravilhoso de amor e sacrifício, um exemplo que me atraia muito.

## **Qual a influência do exemplo do Papa na sua vida?**

O exemplo deste Papa é para mim uma lição de amor. Ensina que a entrega a Cristo e à sua igreja deve ser total, e que as limitações físicas não são desculpas. Com as suas viagens incansáveis para levar Cristo a todos os recantos, fala-nos de ter um coração aberto a todas as culturas e nações. Surpreende como consegue estabelecer um diálogo real com as pessoas, com os doentes, com os jovens. Quando o Papa viaja, penso que todos viajamos com ele.

## **Estudou teologia em Roma durante alguns anos. Que destacaria da sua estadia na Cidade eterna?**

Uma das coisas de que mais gostei em Roma foi das igrejas, como estão bem cuidadas. No Japão, um país que

não é nem católico nem cristão, é diferente. Gosto muito de Roma, este ambiente cristão ajuda-me e ser mais piedoso. Por exemplo, gosto de visitar muitas das igrejas onde está exposto o Santíssimo todo o dia. Isto é uma coisa muito boa. Além disso, em Roma aprendem-se muitas coisas, da sua história, da sua gente, e da sua arte.

**Participou na recente canonização de São Josemaría. da vida do fundador do Opus Dei o que é que é para si particularmente atractivo?**

Um acontecimento da sua vida que me impressiona muito é como, durante a Guerra Civil espanhola e apesar dos muitos perigos que teve que enfrentar, cumpriu sempre com o seu dever sacerdotal. Isto era o único que o preocupava. Numa das ocasiões em que esteve a ponto de morrer mártir, convencido da sua

iminente morte, encomendou-se a Deus e deu a absoliação aos que estavam com ele. Recordou anos mais tarde que, nesse momento, ainda que desejava morrer por Cristo, as pernas tremiam-lhe. Este acontecimento é para mim muito atractivo porque venho de uma terra onde houve muitos mártires.

## **Como reagiram os seus parentes e amigos à sua ordenação?**

Em geral bastante bem. Isto deve-se a que no Japão se valorizam muito as profissões que estão centradas nos outros. Por exemplo a de um artesão, a de um professor, etc. consideram-se santas: Recebi três cartas de amigos, dois não crentes e

um católico: são três cartas de agradecimento e de felicitação. Eles captam que a profissão que vou realizar é para os outros, porque um bom sacerdote não pode ficar com nada: O nosso modelo é Cristo.

Além disso estou muito feliz de que o meu pai venha à ordenação. Não o esperava. também valorizo o esforço de dois irmãos que decidiram vir. No Japão não é fácil faltar ao trabalho, depois tem de se recuperar até ao último minuto. Como é lógico, sentimos a falta da minha mãe que faleceu há 10 anos. A minha mãe queria que eu fosse sacerdote e rezava por mim. Respeitava-me completamente, mas recordo que de vez em quando dizia-me: “Shohei, ser sacerdote é algo muito bonito e muito grande”.

---